

Navio-escola Brasil

BRILHANTE A ESTRATÉGIA ELEITORAL DO PT. E A ESTRATÉGIA DE GOVERNO?

MARCELO DE PAIVA ABREU

Um clima de euforia domina a campanha eleitoral. O crescimento do apoio à candidatura Lula ameaça transformar-se em avalanche de votos. Votar no provável vitorioso parece ter atrativos com força insuspeitada. Ameaça tornar-se endêmico o oportunismo de segmentos das "classes produtoras", ajustando às pressas sua postura para melhor poder demandar benesses do vitorioso. A vitória no primeiro turno, há um mês considerada hipótese improvável, passa a ser cenário realista. Lula saiu-se muito bem em campanha dominada por marqueteiros, com baixa densidade de debates programáticos e atenções concentradas em questões irrelevantes como a necessidade de um diploma universitário para ser presidente da República. Na maior parte do tempo, o principal candidato da oposição manteve-se placidamente na posição de observador do pugilato entre seus concorrentes. Junte-se a isso um certo fatalismo do eleitorado hesitante quanto à inevitabilidade da vitória de Lula. Tal vitória configuraria espetacular descontinuidade na história republicana. Culminaria um longo processo de amadurecimento eleitoral do Partido dos Trabalhadores, enraizado em credenciais impecáveis na luta contra a ditadura militar, nas lutas sindicais da aristocracia operária do País, e contando depois com o apoio de importantes segmentos da classe média. Seria, em alguma medida a vitória dos *have nots*, ou, mais provavelmente, dos *have less*, depois de longo período de marginalização.

Propiciaria a esperada reorientação das políticas públicas capaz de corrigir as gravíssimas carências sociais que afetam o País. Contribuiria para tornar mais estritas as normas de conduta na administração da coisa pública. Seria aparentada a outros momentos memoráveis, em outras partes do mundo, de mudança política por via eleitoral, depois de longos anos de espera.

Por outro lado, não adianta jogar o "jogo do contente" e supor que o que vai prevalecer agora é um quadro de business as usual, qualquer que seja o resultado eleitoral. Não devem ser subestimadas as enormes dificuldades que enfrentaria uma administração federal petista para, ao mesmo tempo, ter sucesso na acomodação das demandas de seus principais pilares de sustentação eleitoral, preservar a estabilização e retomar o crescimento. Por outro lado, a despeito do que tem sido dito por alguns dos mais loquazes recém-convertidos do establishment industrial, falta estratégia consolidada a um futuro governo petista. Talvez porque as urgências eleitorais geraram a necessidade de uma nova estratégia. Algumas das idéias centrais do PT quanto à estratégia econômica mudaram radicalmente, e com grande rapidez, à medida que se aproximavam as eleições. Ajuste fiscal deixou de ser anátema. Passou a ser importante honrar a dívida pública. O mercado ficou menos diabólico.

Uma estratégia realista teria também antecipado os efeitos sobre a confiança dos investidores da percepção de vitória provável de Lula.

A avaliação da qualidade da estratégia de um governo petista depende de que avaliação que se faça do real compromisso do partido com as novas idéias ventiladas na campanha eleitoral sobre estabilização e pagamento de dívidas.

E em particular de como as propostas de retorno ao desenvolvimento sustentado a altas taxas serão compatibilizadas com as exigências de uma política macroeconômica restritiva em relação à qual Lula já externou aprovação em sua entrevista com o presidente da República quanto aos compromissos com o FMI. Não é pouco razoável que se tenha algum grau de dúvida quanto à sinceridade da conversão açodada à ortodoxia. Nem que as dúvidas aumentem quando Lula, mais confiante quanto à vitória, descarta qualquer arranjo de transição que incorpore a manutenção de

Armínio Fraga como âncora temporária. Ou quando são feitas acusações meio desesperadas ao Banco Central, pretensamente "leniente" na condução da política cambial.

A impressão que fica é que a real estratégia de um governo petista não está de fato definida e será improvisada a toque de caixa em alguns dias de outubro, ou novembro, em meio a condições longe das ideais. Junte-se a isto a notória falta de realismo de muitos dos pleitos concretos da militância do partido e a enorme resistência à implementação de reformas inevitáveis de políticas públicas tais como as relacionadas à Previdência. Talvez mais preocupante, a dificuldade da atual oposição em recrutar quadros especializados que sejam percebidos como confiáveis deverá conduzir a um desgastante processo de tentativa e erro frente à opinião pública. Tal como o adolescente que, entre o conselho dos mais velhos e as lições da experiência própria, tende em geral a escolher a segunda via, em uma administração petista a desconfiança quanto ao conselho do especialista tenderá a prevalecer. Pelo menos temporariamente, a administração federal será como um grande navio-escola em mar bravio. Cheio de candidatos a tripulantes realizando seu aprendizado.

Sem querer tirar o valor de um grande feito, a parte mais fácil do caminho de Lula rumo à Presidência é a vitória nas eleições. Muito mais difícil se afigura a tarefa de assegurar a transição até a posse sem grandes tormentas e, depois disto, cumprir as promessas de que o Brasil voltará a crescer significativamente, as desigualdades sociais serão reduzidas e não haverá retrocesso da estabilização.

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio